

A desapareição do autor ao longo dos esboços de “Igitur”, de Mallarmé

Rosie Mehoudar / Universidade de São Paulo

“IGITUR, OU A LOUCURA de Elbehnon” é um conto inacabado de Stéphane Mallarmé (1842-1898), que só foi publicado em 1925, vinte e cinco anos depois que sua filha e o marido, Edmond Bonniot, encontraram o manuscrito. O texto é especialmente interessante pela função que parece ter na obra mallarmaica, formulando a estrutura de sujeito em seu vínculo intrínseco com a linguagem.

Um traço da obra em geral de Mallarmé é o vínculo entre as experimentações de linguagem e a reflexão teórica e filosófica, mas por uma fidelidade em relação a essa própria filosofia e ao que o autor entendia como vida, suas formulações nunca abolirão o espaço do virgem e do incognoscível, e nunca deixarão de ter a linguagem como fio da realidade. Ele é, assim, um grande pensador que pode passar despercebido como tal, e pouco penetrou no ensino acadêmico brasileiro. Suas concepções exerceram uma enorme ação no que podemos chamar de pós-estruturalismo: Kristeva, Blanchot, Derrida e, no Brasil, entre os concretos,

Ateliê

Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari. Poetas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto dialogaram com sua obra. Mallarmé tem um parentesco evidente com Guimarães Rosa e seria fértil pesquisar as relações entre eles.

Quando não é desconhecido, o autor é visto muitas vezes como árido, excessivamente hermético e formal. Lacan, de quem Mallarmé é às vezes aproximado, também o é, mas conta no Brasil com um número considerável de leitores e pesquisadores que garimpam a riqueza latente em sua linguagem hermética, à procura de orientações para a ação psicanalítica. Mallarmé foi também extremamente engajado, no sentido de conceber a linguagem como desencadeadora de uma posição do sujeito contrária à tirania arraigada em cada ser humano, e uma posição amiga da possibilidade infinita de criação. Ele próprio teve de se haver de modo agudo com os mecanismos de impotência na produção de linguagem, e o conto sobre o qual nos debruçaremos a seguir, “Igitur, ou a loucura de Elbehnon”, foi assim anunciado em uma de suas cartas, de 1868: “C’est un conte, par lequel je veux terrasser le vieux monstre de l’Impuissance, son sujet, du reste, afin de me cloîtrer dans mon grand labeur déjà réétudié. S’il est fait (le conte) je suis guéri; *similia similibus*.” (Oc 1, p. 748)¹

1. “É um conto, pelo qual eu quero abater o velho monstro da Impotência, seu tema, a fim de me enclausurar em meu grande labor já reestudado. Se for feito (o conto), estarei curado; *similia similibus*” [o mesmo cura o mesmo: máxima da homeopatia, linha do tratamento ao qual o autor se submeteu na época em Avignon]. A sigla Oc1 refere-se aqui ao primeiro volume das *Obras completas* de Mallarmé, na edição organizada por

Ele diz que o tema de “Igitur” é a impotência, mas uma Impotência que cura a Impotência. Em outras possíveis palavras, é um conto em que a Impotência do sujeito, para criar, é vencida quando ela é totalmente aceita, quando o sujeito aceita uma limitação, uma imobilidade, seu lugar embaixo de uma lápide, e sua receptividade a um pensamento que vem de Outro lugar. Uma das frases mais conhecidas de Mallarmé é: “L’œuvre pure implique la disparition élocutoire du poète, qui cède l’initiative aux mots [...]” (Oc2, p.211, “Crise de Vers”, 1892-1896)². Ou ainda: “Signe ! au gouffre central d’une spirituelle impossibilité que rien soit exclusivement à tout, le numérateur divin de notre apothéose [...].” (Oc2, p.200)³

Apoteose significa deificação, conforme a raiz grega *theos*. O Signo é um numerador divino. Quando se fala em Numerador, pensa-se numa fração, e sob essa fração encontramos quem? O sujeito morto e ao mesmo tempo divinizado: é como se a fração inteira que resume a linguagem e a posição do sujeito estivesse no grande campo do Outro. Se este remete, no léxico da psicanálise lacaniana, ao lugar que acolhe e ultrapassa cada pequeno sujeito, ao inconsciente e à linguagem, não deixa de evocar ele mesmo um sujeito – que na

Ateliê

Bertrand Marchal. As traduções feitas nas notas de rodapé deste ensaio são provisórias e têm a simples função de auxiliar a leitura; só uma recriação poderia começar a dar conta dos múltiplos sentidos, sutilezas e outros efeitos poéticos do texto mallarmeano.

2. “A obra pura implica a desapareição elocutória do poeta, que cede a iniciativa às palavras.” A sigla Oc2 refere-se ao segundo volume das *Obras completas* de Mallarmé, na edição organizada por Bertrand Marchal.
3. “Signo, no abismo central de uma espiritual impossibilidade que nada seja exclusivamente a tudo, o numerador divino de nossa apoteose.”

obra de Mallarmé surge como intrínseco ao movimento da Inteligência⁴: “Depuis longtemps morte, une antique idée [...] se reconnaît à l’immémorial geste vacant avec lequel elle s’invite”⁵ (Oc1, p.484). A “antiga ideia” pode ser entendida como a de um sujeito absoluto, manifestado aqui por uma consistência intelectual ou visão – presente na etimologia de “ideia”. Mas frente à morte reiterada de cada instante de consciência (descrito e comparado ao “quarto” em “Il quitte la chambre”, uma das partes de “Igitur”), só resta a possibilidade de um novo convite, de uma nova antiga ideia: o passado posto no futuro porque ansiado é palpável e logo morto; *o invisível sujeito, implicado no ato de volição necessário*⁶. Essa divisão desejosa do sujeito

4. Cf. Oc1, p. 475. O movimento da Inteligência surge quiçá congênera ao “Verbo”, que não se deve confundir com a “Linguagem”, como lemos em suas notas, visando a um projeto de tese, concomitantes a “Igitur”: “Dans ‘le Langage’ expliquer le Langage, dans son jeu par rapport à l’Esprit, le démontrer, sans tirer de conclusions absolues (de l’Esprit) [...] Ne jamais confondre le Langage avec le Verbe”. (Oc1, p.873). Inúmeras são as referências em sua obra a um sujeito transpessoal, nomeado muitas vezes como o “gênio”: “[...] vole, outre le volume, à plusieurs inscrivant, eux, sur l’espace spirituel, le paraphe amplifié du génie, anonyme et parfait comme une existence d’art.” (Oc2, p. 211, “Crise de Vers”), “la Foule (où inclus le Génie)” (Oc2, p.230); ou simplesmente como Sujeito: “Le Sujet se place de côté et non plus au milieu.” (Oc2, p. 492, em referência ao leque movido por mão humana). Um sujeito parece inscrever-se no próprio teatro da natureza: “Je crois que la Littérature, reprise à sa source qui est l’Art et la Science, nous fournira un Théâtre, dont les représentations seront le vrai culte moderne; un Livre, explication de l’homme, suffisante à nos plus beaux rêves. Je crois tout cela écrit dans la nature de façon à ne laisser fermer les yeux qu’aux intéressés à ne rien voir. Cette œuvre existe, tout le monde l’a tentée sans le savoir; il n’est pas un génie ou un pitre ayant prononcé une parole, qui n’en ait retrouvé un trait sans le savoir” (Oc2, p. 657).
5. “Há muito tempo morta, uma antiga ideia [...] se reconhece no imemorial gesto vacante com o qual ela se convida”.
6. Maurice Blanchot, na esteira de Poulet, faz uma análise iluminada desse dinamismo em “Igitur”. Segue uma amostra: “Car le Minuit présent, cette heure où manque absolument le présent, est aussi l’heure où le

ou da Ideia é bem expressa em um fragmento de vários anos depois: “Virginité qui solitairement, devant une transparence du regard adéquat, elle-même s’est comme divisée en ses fragments de candeur, l’un et l’autre, preuves nuptiales de l’Idée”⁷ (Oc2, p.234, “Le Mystère dans les lettres”), e pode ser lida também na passagem da qual nos ocupávamos, em que o sujeito absoluto⁸ é “morto” e indiciado por seu Signo, em “*Signe*, au gouffre central d’une spirituelle impossibilité que rien soit exclusivement à tout, *le numérateur divin de notre apothéose* [...]” (destaque meu).

Mallarmé é um dos mestres da ambiguidade como recurso estilístico, que multiplica as significações concomitantes em níveis diferentes. Na passagem acima vemos bem: nada, nenhuma coisa é exclusivamente engolfada pelo absoluto. Ao mesmo tempo, o nada não domina tudo: há o Signo que aparece quase como um sujeito, enquanto divino: o divino está no numerador e no denominador. Note-se também que a fração lembra a lacaniana, em que o sujeito está

Ateliê

passé touche et atteint immédiatement, *sans l’intermédiaire de rien d’actuel*, l’extrémité de l’avenir, et tel est, nous l’avons vu, l’instant même de la mort qui n’est jamais présent, qui est la fête de l’avenir absolu et où l’on peut dire que, dans un temps sans présent, ce qui a été sera. [...] Cependant cette structure de la Nuit nous a déjà restitué un mouvement: son immobilité est faite de cet appel du passé à l’avenir, sourde scansion par laquelle ce qui a été affirme son identité avec ce qui sera par delà le présent abimé, l’abîme du présent. Par ce ‘double heurt’, la nuit s’ébranle, elle agit, devient ‘acte’, et cet acte ouvre les panneaux luisants du tombeau, créant cette issue qui rend possible ‘la sortie de la chambre’”. BLANCHOT, Maurice. *L’expérience d’Igitur*. In: *L’espace littéraire*. Paris: Gallimard, 1955, p.114-115.

7. “Virgindade que solitariamente, diante de uma transparência do olhar adequado, ela mesma como que se dividiu em seus fragmentos de candor, um e outro, provas nupciais da Ideia.”
8. Lembremo-nos das “Variations sur un Sujet”, título de sua coluna de crônicas quinzenais na *Revue Blanche*.

assujeitado ao significante, este é quem tem a primazia, ele é o numerador, e o sujeito está sempre dividido pelo próprio significante, deve desaparecer (enquanto objeto da consciência) para que em seu lugar o significante seja iluminado. Essa equação, que ao mesmo tempo é a equação da linguagem e do sujeito, nós a vemos gestar-se temática e escrituralmente (estilisticamente até) 18 anos antes em “Igitur”.

Igitur, o personagem principal, quer dizer em latim: então, daí, portanto. Este, que não deixa de parodiar o *ergo* cartesiano, surge como um operador lógico, um termo de relação entre dois enunciados... A reflexão sobre o absoluto em Mallarmé, um tema central de “Igitur”, absorve assim a divisão do sujeito implicada no ato da linguagem.

O conto, de 1869/1870, é a celebração de uma primeira solução à crise que se inicia em 1866. Mallarmé registra em suas cartas as “iluminações”, como ele as chama, de 1866 e 1867 (quando tinha 23 e 24 anos de idade), que implicaram aproximadamente quatro anos de crise intensa nas faculdades de comunicação e de escrita. Uma dessas frases é bastante conhecida e data de 14 de maio de 1867: “Je viens de passer une année effrayante: ma Pensée s’est pensée et est arrivée à une Conception Pure”⁹ (Oc1, p.713, carta a Cazalis).

Daí, impossibilidade de se comunicar, escrever, dormir, e uma busca interior intensa. Num de seus anúncios epistolares de “Igitur”, Mallarmé escreverá, um ano depois:

9. “Acabo de passar um ano assustador: meu Pensamento pensou-se e chegou a uma Concepção Pura”.

Décidément, je redescends de l’Absolu. Je n’en ferai pas, suivant la belle phrase de Villiers, “la Poésie” ni ne déroulerai “le vivant panorama des formes du Devenir” – mais cette fréquentation de deux années (vous vous rappelez? depuis notre séjour a Cannes) me laissera une marque, dont je veux faire un Sacre. Je redescends, dans mon moi, abandonné pendant deux ans: après tout, des poèmes, seulement teintés d’Absolu, sont déjà beaux, et il y en a peu [...] (Oc1, p. 728, Carta a Eugène Léfèbure, 3 de maio de 1868).¹⁰

“Igitur” é um conto de retorno do reino do inteligível e a recuperação da percepção do próprio corpo, do eu, da sombra. Lemos nele: “Telle est la marche inverse de la notion dont il n’a pas connu l’ascension, étant, adolescent, arrivé à l’Absolu: spirale, au haut de laquelle il demeurerait en Absolu, incapable de bouger”¹¹ (Oc1, p.481).

Este retorno ao eu, entretanto, deverá coexistir com a descoberta do vazio de si e de uma pura inteligibilidade, evocada por uma palavra que pôde ser pronunciada¹² (antes de os dados serem lançados). “Igitur” é a

10. “Decididamente, volto a descer do Absoluto. Não farei, seguindo a bela frase de Villiers, ‘a Poesia’ nem desenrolarei ‘o vivo panorama das formas do Devir’ – mas essa visitação de dois anos (você se lembra? desde a nossa temporada em Cannes) me deixará uma marca, sobre a qual quero fazer uma Sagração. Volto a descer, em meu eu, abandonado por dois anos: afinal de contas, os poemas, apenas tingidos de Absoluto, são já belos, e eles são poucos [...].”
11. “Tal é a marcha inversa da noção da qual ele não conheceu a ascensão, tendo, adolescente, chegado ao Absoluto: espiral, no alto da qual ele permanecia em Absoluto, incapaz de mover-se.”
12. O Nome-Signo do Outro? O vínculo no conto da “antiga ideia” com a “antiga palavra” (Oc1, p.484) evoca a “antiga palavra” (*ancienne parole*) do ritual maçônico – o tetragrama hebraico que nomeia o sujeito absoluto e não pode mais ser pronunciado, tendo sido substituído por uma outra palavra, geralmente em M. “Minuit”, que dá nome a uma parte do conto, não o simboliza? Passagens posteriores importantes da obra de Mallarmé “isolarão” a “palavra” (cf. Oc2, p. 208: “mais tacite encore l’immortelle parole”).

Ateliê

descoberta de que o pensamento depende de uma invocação por parte de um sujeito; o pensar puro está estritamente ligado a uma Palavra. Quando pronunciada, ela implica que o sujeito esteja em profundezas órficas, num subterrâneo, o desejo pela palavra e pelo absoluto descido no mais fundo de si, de onde lança os dados – pontos negros em superfície branca, quais as letras na página. De Igitur personagem, o conto afirma: “Puis – comme il aura parlé selon l’absolu” (Oc1, p. 473)¹³.

A temática do conto relaciona-se, justamente, com a fundação dessa estrutura da linguagem e do sujeito. Na última parte do conto, Igitur lança os dados (metáfora de um ato de linguagem que institui o pacto com a alteridade? o reconhecimento dela, produto da Palavra? o desejo por ela? a invocação dela no cerne do sujeito?), toma uma gota de nada, que falta ao Mar, e se deita no túmulo dos ancestrais. O conto todo, entretanto, é circular e pressupõe que, desde o início, o seu protagonista já esteja sob uma lápide, sob uma barra, “morto”. Cabe notar, num parênteses, que elementos enigmáticos da arquitetura tematizada pelo conto, como o poço, os corredores, a escada, a tumba, o livro que nela surge remetem à arquitetura da tumba egípcia. Para traçar a estrutura do sujeito e da linguagem, “Igitur” faz, presidida por uma observação aguda dos processos de pensamento e acompanhada de respostas próprias, uma antropofagia de diversas tradições, tumba egípcia e castelo medieval cristão sendo sugeridos. A tumba e vários outros signos do conto

13. “Depois – como ele terá falado segundo o absoluto”.

(cinza, cruz, móvel, dado, sombra, pó...) integram, por sua vez, iniciações alquímicas e heráldicas, nas quais se fundem elementos egípcios e cristãos (além de gregos e semitas...). *Igitur*, palavra latina, não deixa de sugerir o Egito, num século XIX em que a linguística comparada era antropologia e religião comparada, na aposta, a de Mallarmé, numa só estrutura humana, em infinito nasce-morre¹⁴.

Voltando ao conto... A primeira parte chama-se “Le Minuit”, uma metáfora do absoluto e da presença. Meia-Noite surge como uma presença que não é nada visível aos órgãos dos sentidos. Esse absoluto aparece, entretanto, como já integrado à noção, no sujeito, de si mesmo e do próprio corpo, e o texto acusa que nem sempre foi assim, nem sempre essa integração foi possível. Vamos aos fragmentos de “Le Minuit”, buscando comparar em seguida a versão final com a 1ª e a 2ª versão do primeiro parágrafo do conto:

14. Cf. “[...] plus ou moins, tous les livres, contiennent la fusion de quelques redites comptées: même il n’en serait qu’un – au monde, sa loi – bible comme la simulent des nations. La différence, d’un ouvrage à l’autre, offrant autant de leçons proposées dans un immense concours pour le texte véridique, entre les âges dits civilisés ou – lettrés” (Oc2, p. 211-2, “Crise de vers”). Sobre a Alemanha como tradutora de outras culturas e a disseminação de sua abertura no cenário literário francês da segunda metade do séc. XIX, ouça-se a interessante conferência no site do ITEM: BOUVIER, Agnes. “Au rendez-vous allemand: la ‘Revue Germanique’ ou la philologie chrétienne au service de la libre pensée.” Gravação de conferência dada em 22 nov. 2008. Disponível em: <http://www.item.ens.fr/index.php?id=344197>. Acesso em: 24 abr. 2009.

Ateliê

Parágrafo 1

Última versão:

Certainement subsiste une présence de Minuit. *L'heure n'a pas disparu* par un miroir, *ne s'est pas enfouie* en tentures, évoquant un ameublement par sa vacante sonorité (Oc1, p. 483, destaque meu).¹⁵

Pelo recurso irônico da negação, sabemos como era antes – isto é, a hora desaparecia pelo espelho, fugia em tapeçarias... – e sabemos que isso mudou. O autor compara a experiência de agora com a de antes.

O capítulo se inicia com o absoluto objetivado: uma presença de Meia-noite, sobre a qual se é consciente e se pode falar. O absoluto subsiste, ele tem uma duração em relação ao resto.

As duas versões anteriores eram mais explicativas e o absoluto objetivado (*une présence de Minuit*) não irrompia no início como acontece acima.

Primeira versão:

Cette fois l'heure ne tombe plus hors de moi, pour alourdir le temps enfoui dans les rideaux, ni, quand je l'implore, fuir par la glace, c'est en moi qu'elle tombe éveillant cette conscience de moi par le souvenir, – elle recrée mon être et me redonne la sensation de ce que je dois faire¹⁶ (Oc1, p. 500).

15. “Certamente subsiste uma presença de Meia-noite. A hora não desapareceu por um espelho, não fugiu em tapeçarias, evocando uma mobília por sua vacante sonoridade.”
16. “Desta vez a hora não cai mais fora de mim, para tornar pesado o tempo refugiado nas cortinas, nem, quando eu lhe [o] imploro, fugir pelo espelho, é em mim que ela cai acordando esta consciência de mim pela lembrança, – ela recria meu ser e me devolve a sensação do que tenho que fazer.”

Segunda versão:

Il m'a semblé entendre le son spécial d'un Minuit L'heure est-[elle?]
Ce que jette l'horloge n'est pas allé, indéfini, remplir des rideaux ou
se perdre par la fuite d'une glace, *me laissant toujours extérieur [à
elle.]* Non, au son très certain d'un Minuit, j'ai reconnu d'abord que
l'instant était ici et, comme un seul instant peut être [...], et je me
souviens de moi-même¹⁷ (Oc1, p. 500, destaque meu).

A segunda versão descreve, no trecho destacado, uma dualidade ou alienação implicitamente sofrível, e é com ela que se iniciava a primeira versão. Na terceira e última, a alienação some de vez e a hora (*Minuit* – metáfora da consciência) remete a si mesma, sem mais referência ao eu em que ela cai. O absoluto se duplica e pode falar de si, com liberdade, não há absoluto de um lado e eu de outro. A alienação explicada nas duas primeiras versões é sugerida, apenas, pela última, e nesta a primeira frase sai da esfera subjetiva.

Da primeira para a segunda versão, o som surge (“Il m’a semblé entendre le son spécial d’un Minuit”), criando imediato o efeito do absoluto (“Minuit”), objetivado numa sensação simples. Entretanto, o trecho se inicia com “Il m’a semblé entendre”, todo ainda dependente de um sujeito. Na última versão fica não o som, mas o “Minuit”, introduzido na segunda versão, se independe, surge e se mantém sozinho. “Certaine-

17. “Pareceu-me ouvir o som especial de uma Meia-noite. A hora é [ela?] O que lança o relógio não foi, indefinido, encher as cortinas ou se perder pela fuga de um espelho, deixando-me sempre exterior [a ela.] Não, ao som muito certo de uma Meia-noite, reconheci primeiro que o instante era aqui e, como um único instante pode ser [...], e me lembro de mim mesmo.”

ment subsiste une présence de Minuit”. O que surge é a presença, o presente, conforme o desígnio explicitado no projeto de tese escrito na mesma época que “Igitur”: “et avant tout cette intelligence doit se tourner vers le Présent” (Oc1, p. 504)¹⁸.

Como a ordem interna da última versão zelará, eventualmente, pela significação dos trechos reveladores das versões anteriores aqui suprimidos? Ou a busca implicada naqueles tinha um vetor, um objetivo ou uma realização a ser exposta (o sumiço da dualidade irreconciliável entre o eu e a Meia-Noite, e a identificação do eu com esta), da qual a última versão já se aproximou bem mais, tornando as passagens anteriores desnecessárias?

Apenas na terceira versão acima é que a hora caiu tão dentro e não fora do sujeito – comparável a um vaso, bem precisado pela primeira versão –, que este some, como na perfeita antropofagia ou transubstanciação visada pela ritual eucarístico. A recriação do ser com o imperativo que daí surge de um ato, na primeira versão, – “elle recrée mon être et me redonne la sensation de ce que je dois faire” –, o ato sendo “morrer” e fazer valer a Palavra, é levada às últimas consequências na última, quando a gota de vazio que o sujeito deverá beber no final do conto se consubstancia na sua (do sujeito) desapareição do início do fragmento de abertura de “Le Minuit”. Igitur fala segundo o

18. “E antes de tudo esta inteligência deve voltar-se para o Presente.” Atente-se para o paradoxo do efeito de Presente e para a falta dele, abismo bem apanhado por Blanchot, conforme nota anterior. Cf. também passagem de “Mimique”, Oc2, p. 178-179: “*sous une apparence fausse de présent*”.

absoluto visado e vemos a gênese da união mallarmeana, por meio da atenção minuciosa, entre o vislumbre teórico e a escritura, um estilo que vai se construindo.

OUTROS DESDOBRAMENTOS

Uma das dificuldades para se analisar a terceira versão de “Le Minuit”, a única conhecida pela maior parte dos leitores de “Igitur”, não estaria nessa progressiva destruição de etapas grafadas ou não? No caso dessa passagem, por exemplo, as duas primeiras versões nos informam melhor sobre a alienação desesperada anterior, como era o processo do monstro da impotência. A primeira versão de “Le Minuit” frisava logo de início o fato de a hora não cair mais fora do personagem-narrador: “Cette fois l’heure ne tombe plus hors de moi”. A integração do absoluto no eu, a transformação deste em vaso, parece irromper tematicamente, com clareza, no finalzinho da 2ª versão:

Ma pensée est donc recréeé, mais moi, le suis-je? Oui, je sens que ce temps versé en moi me rend ce moi, et je me vois semblable à l’onde d’un narcotique tranquille dont les cercles vibratoires venant et s’en allant font une limite infinie qui n’atteint pas le calme du milieu (Oc1, p. 500).¹⁹

19. “Meu pensamento foi portanto recriado; mas e eu, tê-lo-ei sido? Sim, sinto que esse tempo versado em mim me devolve este eu, e vejo-me semelhante à onda de um narcótico tranquilo cujos círculos vibratórios vão e vem, fazendo um limite infinito que não atinge a calma do meio.”

Ateliê

Na 3ª e última versão, a passagem assim se transmuta:

Et du Minuit demeure la présence en la vision d'une chambre du temps où le mystérieux ameublement arrête un vague frémissement de pensée, lumineuse brisure du retour de ses ondes et de leur élargissement premier, cependant que s'immobilise, (dans une mouvante limite,) la place antérieure de la chute de l'heure en un calme narcotique de *moi* pur longtemps rêvé (Oc1, p.483).²⁰

O Outro (*Minuit*, repercutido em *mystérieux ameublement* e sujeitos seguintes) comanda a frase e o eu transforma-se como que numa categoria formal (*moi pur*). Desaparecem as muitas marcas do narrador-protagonista, presentes nas duas versões anteriores. É por intermédio do desaparecimento dele que o autor some e dá lugar à Palavra. O sujeito, nascendo transpessoal da obra, o mesmo sujeito que há em cada leitor, torna-se um operador invisível entre os significantes, tal como uma função do termo “Igitur” em latim, ainda que seja necessário, nesse momento da obra, discernir o lugar do eu, unido ao lugar da queda da hora, signo também de alteridade. Materializa-se na própria escritura, que foi mudando de versão em versão, a noção de sujeito implicada na dedicatória de “Igitur”, no arranjo que Bonniot deu aos fragmentos encontrados do conto: “Ce conte s’adresse à l’Intelligence du lecteur qui met les choses en scène, elle-même” (Oc1, p. 475).²¹

20. “E da Meia-Noite permanece a presença na visão de uma câmara do tempo onde a misteriosa mobília para um vago frêmito de pensamento, luminosa quebra do retorno dessas ondas e de seu alargamento primeiro, enquanto se imobiliza (num movente limite), o lugar anterior da queda da hora numa calma narcótica de *eu* puro longamente sonhado.”

21. “Este conto se endereça à Inteligência do leitor que põe as coisas em cena, ela mesma.”

Um combate ou desafio central, o de “morrer” e dar nascimento ao signo, no desenvolvimento temático de “Igitur”²² pode ser encontrado no trabalho de escritura, ao longo das transformações de uma versão a outra da primeira parte do conto chamada “Le Minuit”, metáfora do absoluto, já escindido, fraturado entre as duas partes da noite e ao mesmo tempo “um”, enquanto miolo da noite.

O paradoxo entre a unidade e o presente de um lado (consubstanciados na metáfora do espaço: um quarto, um livro fechado), e o vazio e o deslocamento de outro, é dos mais interessantes na inscrição desse sujeito em “Igitur”, que percorrerá invisível a estética mallarmeana. O próprio nome “Igitur” denota um sujeito, um personagem, uma unidade, e, ao mesmo tempo, uma sintaxe (e um desaparecimento).

Ateliê

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUVIER, Agnes. “Au rendez-vous allemand: la *Revue Germanique* ou la philologie chrétienne au service de la libre pensée”. Gravação de conferência dada em 22 nov. 2008. Disponível em: <http://www.item.ens.fr/index.php?id=344197>. Acesso em: 24 abr. 2009.

BLANCHOT, Maurice. *L’expérience d’Igitur*. In: *L’espace littéraire*. Paris: Gallimard, 1955.

22. Tendo descido ao subterrâneo, o personagem “profere a predição”: quer dizer, faz avançar (pro-fere, do latim “profero”: levar para diante) pelo dito o que se deu a ver (pré-dicção, mas à qual já é inerente uma linguagem) na meditação espontânea e persistente em seu quarto ou tumba (na segunda parte do conto); joga os dados; bebe uma gota de nada que falta ao mar e deita-se no túmulo de seus ancestrais.

COHN, Robert Greer. *L'oeuvre de Mallarmé*. Un coup de dés. Paris: Les Lettres, 1951.

JURANVILLE, Alain. *Lacan et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres complètes*, org. por Henri Mondor e G. Jean-Aubry. Paris: Gallimard, 1945.

_____. *Oeuvres Complètes*, org. por Bertrand Marchal. 2 V. Paris: Gallimard, 1998 e 2003.

MEHOUDAR, Rosie. *Dos textos de juventude a Igitur: a geração do descontínuo em Mallarmé*. São Paulo: 2 volumes. Tese (Doutorado) Departamento de Letras Modernas, FFLCH, Universidade de São Paulo, 2004.

POULET, Georges. Mallarmé. In: *Études sur le temps humain*. T. II: la Distance intérieure. Paris: Plon, 1952.